

**“VIVA AS ALMAS DA BARRAGEM!”: A CONSTRUÇÃO DA CAMINHADA DA SECA, SENADOR POMPEU-CE. (1982-2012).****KAROLINE QUEIROZ E SILVA\*****O grande dia.**

Às cinco horas da manhã, no segundo domingo do mês de novembro, muitos já se encontram na Igreja Nossa Senhora das Dores, matriz da cidade de Senador Pompeu, interior do Ceará. Carros, paus-de-arara e ônibus vão trazendo pessoas abarrotadas em seu interior. Indivíduos de todas as idades, em sua maioria vestidos de branco, alguns poucos se diferenciam da multidão por suas roupas coloridas.

Vemos *flashes* de todos os lados, fotógrafos e cinegrafistas do município e da capital cobrem a grande celebração. Em certo momento, o padre tira fotos com um grupo de crianças e antes do *flash* pede que estes lhe respondam “viva as almas da barragem!” e em seguida todos “viva!”. Rapidamente o número de pessoas aumenta e o padre se dirige ao altar da igreja para dar início à caminhada.

Percorrendo as ruas da cidade, orações e cânticos são entoados no carro de som, em alguns momentos conduzidos pelo padre. Pessoas que se encontram nas calçadas se unem a grande procissão. A expressão “viva as almas da barragem” é falada a todo o momento. À frente, fotógrafos e cinegrafistas correm para cobrir todo o percurso, sobem em muros, calçadas, morros de areia, tudo para ter o melhor ângulo da procissão. Em um determinado instante, posicionada em cima de um morro, paro para observar o povo. O número de pessoas aumenta e, em dado momento, não conseguimos visualizar onde termina o cinturão de fiéis.

Após quatro quilômetros, a procissão chega ao Patu. Na descida do morro, passamos pelas ruínas da Usina Gótica que pertencia aos ingleses onde o povo que estava no Campo de Concentração de 1932 realizava seus trabalhos. Atualmente, há uma placa colocada pela prefeitura indicando o local. Em frente ao Cemitério da Barragem, construído em 1980 em memória dos flagelados do Campo de Concentração, há um palco montado para o

---

\* Graduanda em História na Universidade Federal do Ceará. Bolsista de Iniciação Científica – CNPq. Orientador: Prof. Dr. Frederico de Castro Neves, Departamento de História, Universidade Federal do Ceará.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

encerramento da romaria com uma missa campal. O cemitério é tido como o “marco fundante” da Caminhada da Seca.

À esquerda, há algumas barracas do Centro de Direitos Humanos Antonio Conselheiro, CDDH-AC, distribuem sementes e panfletos do seu trabalho junto à

comunidade. Há também dois carros que oferecem água e chapéus, alegando o pagamento de promessas graças alcançadas. Muitas pessoas se dirigem ao cemitério para fazerem orações acenderem velas no crucifixo e na capela que se encontram no centro do local. Na capela, há muitas imagens de santos, fotos de pessoas, pedaços de roupa, rosas, tudo trazido pelo povo e muitos ex-votos. Além disso, são muitos os que realizam a caminhada sem calçados, em pleno sol escaldante para pagar suas promessas.

Após ordenar o fechamento do cemitério devido ao movimento, o padre dá início à missa. Todos estão atentos, alguns com suas mãos erguidas entoando orações. No momento das oferendas, muitas coisas são trazidas ao altar. Há um jarro com água, uma caçarola com sementes e madeiras cortadas em formato de pés onde estão gravados os nomes de todos os padres que participaram da caminhada, datando os anos em que eles estiveram na condução. Há também banners do CDDH-AC em especial o de homenagem ao padre Albino Donatti, que iniciou em 1982 a romaria.

Na homilia, o padre pede para que D. Luisa Lô, sobrevivente famosa do Campo de Concentração do Patu, dê o seu depoimento. Segundo o mesmo, um carro é enviado pela paróquia para a casa de D. Luisa para conduzi-la à caminhada todos os anos. Ela ainda mora na Barragem do Patu, próximo ao campo numa casa simples. Todos a conhecem e a cumprimentam. Seu depoimento na missa se confunde com sua “grande” história de vida, cheia de sofrimento de alguém que presenciou seca e mortes em 1932. Após alguns minutos, o padre retoma o microfone, percebendo que D. Luisa se estenderia demasiadamente em sua narração.

No final da celebração, um ritual é proposto pelo padre e prontamente realizado por todos. Quem possui uma garrafa de água em suas mãos deve fazer um pedido e derramar um pouco no chão logo em seguida. Segundo ele, seu pedido feito às almas da barragem será atendido e a água serve para “dar vida” à terra seca. Os fotógrafos tiram fotos de todos. Nesse momento, o padre autoriza a abertura dos portões do cemitério e uma grande multidão se aglomera.

Há muitas pessoas acendendo velas no cruzeiro de ferro que se localiza a frente do cemitério. No interior do cemitério, o povo também acende suas velas. Outros ainda se conduzirão à barragem, onde há as ruínas do Campo de Concentração de 1932. A movimentação de partida é maior que a que ocorre em frente à Igreja Matriz. São muitos ônibus enviados pela prefeitura, carros mandados por empresários, paus-de-arara e carros

particulares. Muitos ainda escolhem voltar a pé e até mesmo com os pés descalços, pagando suas promessas. Assim, se encerra mais uma Caminhada da Seca.

A partir dos elementos descritos, essa pesquisa se propõe discutir o processo de construção da Caminhada da Seca, percebendo quem são seus participantes e como eles interagem dentro e fora do espaço criado pela celebração. Dessa forma, utilizaremos fontes como entrevistas coletadas com moradores de Senador Pompeu e o arquivo do Centro de Defesa dos Direitos Humanos Antonio Conselheiro, localizado na mesma cidade. Após uma intensa busca em arquivos paroquiais, concluímos que os livros não trazem informações sobre a celebração. Ao questionarmos as pessoas que trabalhavam na secretaria se não haveriam registros escritos da caminhada e, infelizmente, recebemos uma resposta negativa. Portanto, as entrevistas são de grande importância, tendo em vista que há carência de documentos escritos sobre a Caminhada.

### **A Caminhada da Seca: milagres e reflexão.**

A primeira Caminhada da Seca foi realizada em 1982, no segundo domingo do mês de novembro, tendo a sua frente padre Albino Donatti, então vigário de Senador Pompeu. Padre Albino, como era conhecido, chegou a Igreja de Nossa Senhora Das Dores em 1980, quando veio transferido da Paróquia de Iguatu. Esse ano, a celebração completa 30 anos e na comemoração de mais uma década a mobilização em torno de sua realização é grande, é exatamente por ser um momento diferenciado, que se deu a escolha do recorte temporal dessa pesquisa.

A estrutura da Caminhada é a mesma desde sua criação, com exceção de alguns elementos que são mudados de acordo com o padre que se encontra em sua condução. A data é a mesma: segundo domingo de novembro. Quanto ao motivo que levou Pe. Albino a escolher esse dia não temos a certeza dada por um documento escrito, mas podemos inferir sobre isso através de uma entrevista concedida em 21 de abril de 2012, pelo senhor José Gonçalves do Nascimento, conhecido como Zé Damas, morador de Senador Pompeu e tido como braço direito de Pe. Albino, chamado até mesmo de “soldado do padre”:

“Foi no segundo domingo porque ele achou que era uma data mais [...] mais bom para a religião né, porque no dia dois já tinha no cemitério a missa, aí ele pra não fazer no cemitério e tudo junto, foi e botou pro segundo domingo. [...] O motivo foi só porque ele sentiu que precisava fazer, que todo mundo sabia que no cemitério ali foi enterrada muita gente... gente até viva foi enterrada. Porque naquela época, a comida que vinha era o feijão preto, a farinha amarela, só dava dor de barriga e provocava doença.”

Com isso, surge a indagação: mas para que lembrar os mortos na seca de 1932? E por que a escolha de 1982 como primeiro ano? Segundo padre Carlos Roberto que permaneceu na paróquia de 2005 a 2011, a Caminhada é algo do povo, a crença nas almas da barragem já exista em meio às pessoas:

“Porque foi também a questão da resistência ao clima, à seca, uma reflexão sobre tudo isso ele começou. Ele associou a seca de 32 com as questões que a comunidade vivia. Associando assim, ele trouxe à tona o que já tinha que é a fé nas almas da barragem, que foi um povo que morreu no ano de 32, onde foi um campo de concentração e aí eu percebi que eles diziam que era o primeiro campo de concentração do mundo. [...] Então era muita gente e isso levou as pessoas a verem o sofrimento e do sofrimento o resgate dessa nova humanidade, o povo, de pensar no outro. Então quando havia estado de seca no Nordeste se pensava também nas almas da barragem que morreram na seca.”

Nas palavras do padre Roberto, já se levanta uma série de outros elementos como a fé nas almas da barragem por parte do “povo” que antecede à chegada do padre Albino Donatti e a questão da reflexão sobre o clima e o sofrimento trazido pela seca que consideramos fundamentais em nossa análise. Seu Jesuíta, irmão do Sr. Zé Damas, em entrevista concedida também em 21 de abril de 2012, ainda nos fala que o padre soube do que existia no Cemitério da Barragem e viu que o povo era muito devoto das almas da barragem, acreditava nos milagres e que essas almas eram santas. Por isso, ele decidiu fazer uma peregrinação para reunir o povo e orar pelas almas.

Com isso, podemos fazer a clara associação entre a celebração do Dia dos Finados, em 2 de novembro, com a escolha da data da Caminhada. Mas podemos levantar a questão: por que lembrar os mortos da seca de 1932? Seu Jesuíta no fala que as “almas eram santas”, então como ocorre o processo de santificação dessas almas? O que as torna diferentes? Mais a frente, aprofundaremos essas questões. Outra problemática é fundamental: quem participa da celebração?

Como já foi falado na descrição da Caminhada, são pessoas de todas as idades e oriundas até mesmo de outras localidades. Porém, devemos pensar: todos participam com o mesmo objetivo? Todos acreditam nos milagres? Através da análise das entrevistas e documentos encontrados no Centro de Defesa dos Direitos Humanos Antonio Conselheiro, localizado em Senador Pompeu, a resposta para essas problemáticas é categórica: não. As motivações dos frequentadores da Caminhada são diversas. Com isso, conseguimos delinear dois perfis diferentes no interior da celebração.

Um grupo se encontra mais ligado à crença que “almas da barragem”, como são chamados os mortos na seca de 1932, no Campo de Concentração do Patu, são almas santas que realizam milagres. Outro grupo está relacionado ao Centro de Defesa dos Direitos Humanos, o CDDH-AC, e busca a reflexão da realidade do semiárido e vê na Caminhada da Seca o momento propício para isso. Mas quem forma esses grupos? Como poderíamos identificá-los? Traçaremos o perfil de ambos, para que assim, possamos entender o objetivo central dessa pesquisa que é a disputa de memória empreendida por eles.

### **“Viva as almas da barragem!”: o grupo místico.**

Ao iniciarmos a análise do grupo místico é impossível não pensar na construção do mito das “almas da barragem”, pensando seu processo de santificação e apreensão pela Igreja. Como já dito, o grupo é identificado pelos fiéis que participam da Caminhada buscando a realização de milagres pelas almas e/ou o pagamento de promessas já alcançadas. Em sua maioria, os participantes desse grupo não priorizam a reflexão da realidade do sertão cearense, de seca e de miséria, mas buscam se apegar a fé, para que possam ter ajuda nos desafios de seu dia-a-dia.

Na Caminhada da Seca há o mito construído sobre as “almas da barragem”. A paróquia local e o CDDH-AC não sabem inferir ao certo quando surge esse mito. Nas entrevistas muitos falam “o povo sempre acreditou”. Porém, poderíamos entender essa “lacuna não preenchida” como uma característica da Caminhada, percebendo que o fato da crença não ter uma origem certa não a torna mais fraca, nem indeterminada, a fé do povo a dissipa e a torna mais forte a cada dia.

No estudo do grupo místico, temos a narrativa dos milagres, o pagamento de promessas durante a celebração e a presença dos ex-votos na capela presente no Cemitério da Barragem. Esses elementos identificam e diferenciam o grupo. Muitos são os depoimentos de milagres realizados pelas almas. Curas, empregos, gravidez, muitas são as graças alcançadas. Segundo uma senhora participante da celebração:

“Foi um acidente que meus filhos sofreram e eu me peguei com as almas da barragem, se eles escapassem, eu vinha ascender 10 maço de vela e hoje, graças à Deus, eu vim e to muito feliz de ter pagado minha promessa e meus filhos estarem bem de saúde.”

Como as almas dos falecidos no Campo de Concentração do Patu, localizado a aproximadamente 4 km do centro de Senador Pompeu, se tornaram santas? Michelle Ferreira Maia, em seu livro Lembrança de Alguém: a construção das memórias sobre a santidade de

João das Pedras nos apresenta a história de um ladrão da cidade de São Benedito que virou santo após a sua morte e recebe muitas peregrinações à seu túmulo. Para a autora, sua alma passa por um processo de santificação ligado ao sofrimento de uma vida de pobreza e o arrependimento de seus pecados na hora da morte, elementos encontrados nos depoimentos utilizados por Michelle, a autora diz “A morte de João das Pedras recebe outra interpretação além da ‘não naturalidade’. A morte liberta João das Pedras.” (MAIA, 2008: 171).

Com isso, temos que a morte liberta João dos males de dos pecados, seu sofrimento o liberta. Dessa forma, o sofrimento dignifica, santifica a alma. O Sr. Zé Damas fala “Eu tô pensando que já tinha muita alma santa delas. Porque o sofrimento que elas sofreram é pra ser santa.”. Seu irmão, Seu Jesuíta também fala da “fama de santas” das almas. Na mesma obra, a autora nos fala que a relação dos vivos com os mortos se dá tanto no âmbito do privado quanto no público, indo desde velas acesas em casa, nos pequenos altares, quanto às peregrinações aos locais santificados. (IBID: 285).

Na construção desse grupo a figura do Pe. Albino Donatti também é fundamental. O próprio fato de o criador da Caminhada ser um padre, um membro da Igreja, concede ao grupo um caráter mais místico e religioso. O padre é visto com um homem bom, representante de Deus. Nas palavras do Sr. Zé Damas “foi o Pe. Albino que fez Senador Pompeu, ele era um homem muito bom.” Portanto, a figura do padre é, de certa forma, idolatrada por todos que lhe conheceram e/ou tiveram contato com suas histórias.

#### **“Ver, julgar e agir”: o grupo político.**

A principal frente do grupo político é o Centro de Defesa dos Direitos Humanos, criado em 1983, também pelo Pe. Albino Donatti. O grande objetivo da instituição é promover a “convivência no semiárido”, ou seja, a população deve estar consciente da realidade climática da sua região e buscar meios para viver de acordo com ela, cultivando espécies de plantas que se adequem ao clima e construindo cisternas em seu terreno.

Através da análise dos arquivos do CDDH-AC, percebemos outro lado do Pe. Albino, o político, buscando lutar em prol dos “necessitados”. Na própria Caminhada, temos a presença de elementos políticos que foram incorporados pelo padre ou por sucessores. As paradas realizadas para orações são momentos onde podemos ver esses elementos, tendo em vista a reflexão dos participantes da celebração. Uma das paradas ocorre em frente à cadeia pública da cidade. Não sabemos ao certo como ela foi criada, porém, através de uma

denúncia, feita CDDH-AC, numa carta enviada ao então Governador Tasso Jereissati, temos notícia de abuso de poder por parte de policiais, em 1987:

“Com muita preocupação e sofrimento e com serena consciência vamos apresentar a quem é de dever uma situação que nós consideramos grave e que está repercutindo negativamente na opinião pública no município de Senador Pompeu, criando fortes contrastes públicos e reações incontroladas e até explosivas. Faz alguns meses que policiais cometem arbitrariedades gravíssimas no conjunto de cidadãos inocentes, se culpáveis, absurdo do poder de policiamentos investidos até o desrespeito judiciário.”

Na carta, fala-se em abuso policial “há meses”, no anexo da mesma há denúncias registradas entre os meses de abril a junho. Tratando-se da figura de Pe. Albino mais especificamente, temos uma denúncia feita num jornal local pelo então prefeito de Senador Pompeu, José Rolim, onde a manchete nos traz “Prefeito José Rolim se diz perseguido por um padre estrangeiro e político”. Essa reportagem é bem clara e percebemos muito da ação política do padre, onde o prefeito é colocado como um bom homem e Pe. Albino como um padre político e inimigo da atual administração.

Em homenagem prestada pelo CDDH-AC ao Pe. Albino, temos um histórico do homenageado, onde ele é apresentado como alguém empenhado nas lutas sociais, contra a violência ao homem do campo onde “Nos momentos cruciantes das secas quando a cidade se enchia de trabalhadores sem alimento e sem trabalho, era Pe. Albino quem estava com seu equilíbrio entre populares e policiais, evitando assim que fossem cometidos atos de violência.”

A partir dessas leituras, das fontes orais e escritas que apontam o padre como um “homem de lutas sociais” e o lema do Centro de Defesa dos Direitos Humanos, Ver, Julgar e Agir, uma questão pode ser levantada: Pe. Albino Donatti era filiado à Teologia da Libertação, corrente da Igreja Católica empenhada nas lutas sociais dos oprimidos? Padre Albino de colocava sempre contra a violência, intercedendo sempre pelos oprimidos por vias legais ou manifestações pacíficas. No livro Igreja: Carisma e Poder, de Leonardo Boff, a Teologia da Libertação valoriza a união entre fé e política:

“A fé possui, inegavelmente, uma dimensão política, e hoje ela é urgente, é exigência do Espírito à sua Igreja, mas ela não absorve toda a riqueza da fé, que deve também encontrar outras expressões dentro do processo de libertação integral, como a expressão mística, litúrgica, pessoal.” (BOFF, 1982: 41)

Outro lado do grupo político é o empenho na divulgação da Caminhada da Seca e sua ação para a preservação dos casarões que serviram de instalação para o Campo de Concentração do Patu em 1932. Vemos muita divulgação por meios variados, dentre os mais comuns e de maior alcance os *blogs* e jornais. Como já foi falado, o maior objetivo é a reflexão da realidade do semiárido, para isso, é fundamental esse momento de divulgação que dá dentro e fora da celebração, onde vemos na Caminhada, a presença de faixas, banners e panfletos do CDDH-AC. Todos os envolvidos nesse grupo procuram registrar o evento através de muitas fotos e vídeos.

Um de seus nomes é Fram Paulo, responsável pelo Grupo Usina e por blogs, onde se encontram documentários e vídeos sobre o evento e outros temas relativos à comunidade de Senador Pompeu. Em sua entrevista, ele nos fala que a Caminhada começou a ganhar visibilidade com as iniciativas culturais empreendidas em fins da década de 1990 para os anos 2000:

“A gente criou na época a Equipe Cultural 19-22 e foi como a gente conseguiu dar visibilidade a história. Veio o Fantástico, a Record, o jornal O Povo fez uma matéria [...] Aí foi quando deu visibilidade ao fato histórico. Em consequência disso, os casarões, o patrimônio, veio a questão da religiosidade, veio junto. [...]. Foi em 2007 que aconteceu de ter maior visibilidade enquanto caminhada. A gente gravou um filme chamado “As almas do povo é o santo do povo”, aí o que a gente fez: a gente vai pegar esse filme e passar em todas as escolas, em todas as comunidades pra que as pessoas possam conhecer a caminhada e mais gente vir. E nisso, divulgou de maneira tal que, no ano seguinte, escolas fizeram caravanas e foi bem interessante.”

Vemos em sua fala, o empenho na divulgação da Caminhada e a visão de a questão da religiosidade é uma consequência de toda visibilidade que o fato histórico, por si, já tinha. O importante é entender como a figura de Pe. Albino, no meio político, é fundamental para a criação do Centro de Defesa dos Direitos Humanos e o empenho na luta ao lado das classes menos favorecidas.

### **As memórias “construídas”.**

Ao delinear o perfil de cada grupo e fazer uma análise da Caminhada da Seca é impossível não pensarmos na problemática a memória. Iniciemos com a pergunta crucial: qual a memória que os grupos tomam como referência? Não poderíamos aqui falar numa única memória e sim, em três objetos que servem como referência para os grupos: o Campo de Concentração, a seca de 1932 e a epidemia de cólera.

A memória do Campo de Concentração e da seca de 1932 está dividida entre alguns poucos sobreviventes que ainda moram em Senador Pompeu e narram suas experiências no “curral do governo”. Há ainda muitas pesquisas e trabalhos, nos quais podemos ter uma ideia dos horrores vivenciados pelas pessoas que estavam alojadas nos mesmo e a configuração diferenciada da nova seca. Dentre as obras, podemos citar como referência o trabalho “A Multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará”, de Frederico de Castro Neves, onde temos que:

“Ao contrário das secas anteriores, os governos federal (Ministério de Viação e Obras Públicas e Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas – IFOCS) e estadual (Departamento das Secas, criado especialmente para esta seca) se articulam planejadamente, pela primeira vez, para evitar as migrações e todas as questões decorrentes da mobilização dos camponeses.”(NEVES, 2000: 117)

A seca de 1932 contou com a participação mais ativa por parte dos governos por muitos motivos, sendo um deles o cenário político imposto pela revolução de outubro de 1930, que proporcionou uma maior centralização e comunicação entre o governo federal e os interventores estaduais. Uma das principais medidas em 1932 foi a criação de sete Campos de Concentração, divididos na capital e no interior cearense, onde os retirantes eram recrutados ao trabalho para que não ocorresse a grande migração e o cenário de horror nas ruas de Fortaleza, vivenciado nas secas anteriores.

Sobre as memórias ligadas à vivência no Campo de Concentração, relacionadas ao trabalho, às medidas impostas pelo governo e à epidemia de cólera, ainda se encontram em fase de pesquisa neste trabalho. Não basta ao historiador a simples seleção de memórias dos sobreviventes de 1932 para investigarmos o acontecimento. Muitas problemáticas são levantadas a partir das memórias que ainda necessitam de vasta pesquisa bibliográfica, dentre elas: como os retirantes lidavam com a morte, vivenciada todos os dias no Campo? Qual a relação dos participantes da Caminhada da Seca com essas mortes? Temos duas relações diferentes que ainda necessitam de aprofundamento e são fundamentais no apoio do movimento religioso.

Como já dito, essa pesquisa apoia-se principalmente em fontes orais, tendo em vista que a memória de quem vivencia o evento é fundamental para o entendimento de sua representação para os participantes. Ao estudarmos sobre a relação entre história e memória a leitura de Jacques Le Goff é quase obrigatória. Em trecho de seu livro, o autor nos fala que “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou

coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.” (LE GOFF, 2003: 469). Percebemos a importância da busca pela memória dos indivíduos.

Em outra passagem da mesma obra, Le Goff nos fala da memória como instrumento, ou seja, a sua natureza coletiva, concepção fundamental para o entendimento deste trabalho, tendo em vista que o caso de Senador Pompeu referente à Caminhada é bem particular pela predominância da oralidade na história da celebração e pela busca de escrever essas memórias:

“Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral, ou que estão em vias de constituir um memória coletiva escrita, aquelas que melhor permitem compreender essa luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória.” (IBID: 470)

No caso de Senador Pompeu, o fenômeno dessa memória é bem particular. Toda a população, de formas diversas, se empenha ferrenhamente na preservação e divulgação da memória dos sofrimentos da seca de 1932, dando ênfase aos horrores do Campo de Concentração do Patu e aos mortos, vemos isso nitidamente na própria permanência e defesa da Caminhada. A quantidade de notícias que vemos na internet de produção dos próprios habitantes da cidade é impressionante. Ainda temos dois elementos que tornam o caso diferenciado, a presença das ruínas dos casarões que serviram como abrigo para o Campo de Concentração e a construção do Cemitério da Barragem.

Sobre os lugares que se tornam ligados às memórias, Pollack nos fala que:

“Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. (...) Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração. Os monumentos aos mortos, por exemplo, podem servir de base a uma relembração de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela.” (POLLACK, 1992: 202)

## **Conclusão.**

Em Senador Pompeu, como já dito, a vivência dessas memórias acontece de forma direta e/ou indireta e isso ocorre também com os lugares “construídos”. No caso do Cemitério da Barragem, o lugar foi construído após a disseminação da crença nas “almas da barragem”, porém, ele passa por um processo constante de construção de um imaginário a cada Caminhada, cada visita, cada divulgação. O mesmo acontece com as ruínas do Campo de

Concentração que, apesar de serem anteriores à crença, passam por um processo de (re) significação.

Na celebração, ambos os grupos buscam a preservação e o empreendimento de uma memória sobre os momentos de horror vivenciados na cidade em 1932, durante a seca. Entre eles há essa disputa pelas memórias, onde cada um as utiliza para fundamentar seu discurso, ora pensando no sofrimento e na santificação das almas, ora buscando a reflexão da realidade do semiárido.

## **REFERÊNCIAS**

### **I- ENTREVISTAS.**

- Francisco Jesuíta Chagas, 82, Aurora, Ceará. Entrevista concedida em 21 de abril de 2012.
- Francisco Paulo Ferreira da Silva, 36, Senador Pompeu, Ceará. Entrevista concedida no dia 20 de abril de 2012.
- José Gonçalves do Nascimento, 80, Senador Pompeu, Ceará. Entrevista concedida em 21 de abril de 2012.
- Maria Rodrigues, idade não informada. Entrevista contida no documentário “Caminhando ao Campo Santo”, produzido em 21 de março de 2012.
- Padre Carlos Roberto, idade não informada, Senador Pompeu, Ceará. Entrevista concedida em 12 de novembro de 2011.

### **II- CARTAS, JORNAIS E DOCUMENTOS.**

- Carta endereçada ao Governador do Estado do Ceará, de 29 de junho de 1987, em nome do Centro de Defesa dos Direitos Humanos Antonio Conselheiro e do vigário da paróquia Pe. Albino Donatti. Arquivo do CDDH-AC.
- Homenagem prestada pelo Centro de Defesa dos Direitos Humanos Antonio Conselheiro ao Padre Albino Donatti.
- Jornal recortado, sem referência, presente no arquivo do CDDH-AC.

### **III- LIVROS, DISSERTAÇÕES E ARTIGOS.**

BOFF, Leonardo. **Igreja: carisma e poder; ensaios de eclesiologia militante**. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1982.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Editora da Unicamp, Campinas, SP, 5ª edição, 2003.

MAIA, Michelle Ferreira. **Lembrança de Alguém: a construção das memórias sobre a santidade de João das Pedras**. Dissertação (Mestrado) em História Social. UFC. Departamento de História, Fortaleza, 2008.

NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. Fortaleza- CE: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.